



Wagner Ygor Garcez de Souza
AMERICAN V

Inspirado pelo álbum homônimo de **JOHNNY CASH**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

AMERICAN V
WAGNER YGOR GARCEZ DE SOUZA
uma história inspirada por
AMERICAN V: A HUNDRED HIGHWAYS
JOHNNY CASH

SÃO PAULO, AGOSTO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY WAGNER YGOR GARCEZ DE SOUZA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

AMERICAN V

WAGNER YGOR GARCEZ DE SOUZA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



**AMERICAN V: A HUNDRED
HIGHWAYS**
JOHNNY CASH

LANÇAMENTO: **2006**
SELO: **LOST HIGHWAY**

**PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM**

1. Help Me
2. God's Gonna Cut You Down
3. Like the 309
4. If You Could Read My Mind
5. Further On Up the Road
6. On the Evening Train
7. I Came to Believe
8. Love's Been Good to Me
9. A Legend in My Time
10. Rose of My Heart
11. Four Strong Winds
12. I'm Free from the Chain Gang Now



AMERICAN V

WAGNER YGOR GARCEZ DE SOUZA

Bem, certa vez houve um homem nesta terra. Ele dizia que certos episódios de nossas vidas poderiam causar marcas tão intensas, que as mais profundas camadas de nossos corações seriam por elas cravadas. Passados os anos e dotado da experiência que a vida me concedeu, confirmo suas palavras: há coisas que não se esquecem.

Ainda hoje, posso lembrar com clareza semelhante à das águas do Jordão aquele dia fatídico, que dividiu minha vida em duas, assim como também posso lembrar nitidamente dos anos que se seguiram até este momento em que conto minha história. Eu estava sozinho e desesperado, sem saber o que pensar ou fazer nem a quem recorrer, confuso demais para raciocinar. Então apenas me ajoelhei e com um coração humilde, levantei os olhos para os céus e supliquei: “Ajude-me! Senhor, por favor, me ajude!”.

Mas por mais fervorosos que fossem meus clamores, Ele não me ajudou. Levaram-me! Perdi a liberdade, acusado de um crime o qual não havia cometido, nem em sonho. Ora, o que eu podia fazer? Estava sozinho naquela estrada quando avistei aquele homem caído ao chão. Pude ver que ele estava com a camisa ensanguentada e o corpo repleto de escoriações. Abaixei para tomar seu pulso e constatei que já estava morto. E de novo eu digo: “Droga!”. O que eu podia fazer? O cara poderia ainda estar vivo, eu só pensei em ajudar. Mas em seguida chego a polícia e me viu com as mãos sujas de sangue, segurando

um homem morto no chão. Fui preso.

Na cadeia, fui interrogado por horas a fio e uma vez que continuava insistindo em minha inocência, trouxeram o capelão para conversar comigo. Ele foi duro. Disse: “Meu irmão, vou lhe contar uma parábola que um dia foi dita por Jesus Cristo à multidão”. Eu estava sentado e ouvi. “O Reino do Céu é como um homem que semeou boa semente no seu campo. Uma noite, quando todos dormiam, veio o inimigo dele, semeou joio no meio do trigo, e foi embora. Quando o trigo cresceu, e as espigas começaram a se formar, apareceu também o joio. Os empregados foram procurar o dono, e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde veio então o joio?’ O dono respondeu: ‘Foi algum inimigo que fez isso’. Os empregados lhe perguntaram: ‘Queres que arranquemos o joio?’ O dono respondeu: ‘Não. Pode acontecer que, arrancando o joio, vocês arranquem também o trigo. Deixem crescer um e outro até à colheita. E no tempo da colheita direi aos ceifadores: arranquem primeiro o joio, e o amarrem em feixes para ser queimado. Depois recolham o trigo no meu celeiro!’”. Ouvi estas palavras com atenção e não proferi uma palavra. Ele continuou: “Pois bem, não importa que minta agora. Agindo dessa forma, você se porta exatamente como o joio da parábola e, assim sendo, eu lhe digo, você pode correr por um longo tempo, longo mesmo, mas cedo ou tarde, Deus o arrancará fora, assim como ao joio”. Fiquei aterrado e disse: “Calma parceiro, não matei aquele homem. Como já disse, eu estava andando pela estrada quando o vi caído ao chão, só aí percebi que já estava morto. Não lhe fiz mal algum”. Diante disso, o capelão me disse: “Se é assim, me diga então o que

“você fazia logo pela manhã naquela estrada deserta”. Respondi: “Eu estava de mudança, ia até a estação ferroviária. Não tinha pertences comigo, a não ser por uma passagem de trem, o trem número 309”. Depois, os guardas vieram e me puseram na cela. Lá, não sei se por imaginação ou realidade, julguei ter ouvido o apito do 309... e chorei.

Nos dias seguintes, passei por mais interrogatórios e o capelão veio me ver mais vezes. Era um homem austero, de uma integridade notável. Foi ele quem me arranhou trajes adequados para meu julgamento. Entrei na sala de audiências do tribunal de terno e gravata. Aos jurados, falei do fundo de meu coração. Disse-lhes que era inocente, que não havia feito mal algum àquele homem, e que se eles pudessem ler a minha mente, compreenderiam que eu estava dizendo a verdade. Porém, nem toda eloquência e comoção foram capazes de convencê-los. Fui condenado. Condenado a passar longos anos atrás das paredes da prisão.

Durante algum tempo, sofri com pesadelos. Neles, eu me via percorrendo uma estrada, e então avistava um homem vestido em um terno preto, vindo em minha direção e sorrindo para mim. Não sei por qual razão, mas seu sorriso me machucava. Quando ele se aproximava e ficávamos frente a frente, fazia a menção de que ia dizer-me algo, no entanto, exatamente nesse momento, eu sempre acordava, tremendo de frio.

As noites lá eram realmente frias e sempre que acordava no meio da noite, eu começava a cantar uma canção. Ela me aquecia. Contudo, noite após noite, o filme se repetia. Eu adormecia e logo me via caminhando, sem rumo, para em determinado instante, ao longo daquela estrada escura e deserta, encontrá-lo.

Às vezes, eu tinha a impressão de que se ouvisse o que ele tinha a me dizer, meus pesadelos cessariam, permitindo-me acordar somente nas ensolaradas manhãs que costumavam aparecer por lá, mas por mais que eu tentasse e me esforçasse, eu sempre acordava quando nos aproximávamos, morrendo de frio, e começava a cantar aquela mesma canção de sempre.

Quando eu era apenas um garoto, e estava assustado e com medo da tempestade, à noite, minha mãe vinha, se sentava à beira de minha cama e me cantava essa canção até que eu me acalmasse e conseguisse dormir. Após a minha prisão, o telefonema a que tinha direito foi destinado a ela, minha mãe. Disse-lhe que a amava e que nunca faria nada que a decepcionasse, que estava com problemas, mas tentaria resolvê-los por conta própria. Em seguida, lhe enviei uma carta explicando a situação, ressaltando por fim que gostaria verdadeiramente que ela nunca viesse me visitar, pois me seria triste demais ver seus pés caminharem sobre o chão imundo de uma prisão. Ela me atendeu, e com exceção ao dia de meu julgamento, em que estive presente junto de meu pai, jamais pôs os pés na prisão. Ainda assim, sua presença me era sentida em todos os instantes. Suas cartas chegavam sempre com palavras de esperança e de fé, e por mais que a esperança e a fé, já há algum tempo, fossem virtudes que já não trazia em meu coração ferido, me emocionava lê-las. Eram também através delas que ficava sabendo das novidades e de como iam todos. Esses eram os únicos momentos de paz de espírito dos quais eu podia desfrutar. Minha mãe sempre acreditou em mim, sempre, e nunca hei de esquecer o seu apoio. Curiosamente, suas cartas chegavam sempre com algumas letras borradas, e com o tempo, pude perceber que eram suas lágrimas que caíam ao

papel enquanto escrevia.

Certo dia, notei um carcereiro muito mal encarado vindo em minha direção, com um sorriso debochado no rosto. Ele disse em tom irônico: “Ei, 309, cartinha para você”. Na prisão, você não tem um nome, é chamado por um número, e o meu, por mais incrível que possa parecer, era 309. Tirei a carta de dentro do envelope já aberto. Dessa vez era meu pai. Ele me dizia que minha mãe havia morrido. As lágrimas jorraram de meus olhos. A letra trêmula e um borrão ao final da folha, também me mostraram — meu pai chorara. Naquela mesma noite, novamente ouvi o apito do 309, aquele velho trem noturno, que atormentou minha primeira noite na prisão. E assim, tomado por um impulso de desespero, clamei por ajuda uma vez mais. E acredite ou não, desse dia em diante, nunca mais um pesadelo invadiu meu sono.

Foi assim que começou uma nova fase de minha vida na reclusão. Procurei o capelão para me confessar e lhe disse que havia me convencido de que existe um poder muito maior que o meu, poder esse que havia restabelecido minha fé. Ao proferir essas palavras, pude observar uma expressão reconfortante no seu rosto. Ele pediu que lhe contasse mais a respeito de minha vida e eu contei. Contei-lhe que vinha sendo um viajante, caminhando sempre sozinho, longe de meus pais e de meus amigos, sem ter nem mesmo um lugar para chamar de lar, mas que, ainda assim eu era feliz. Isso porque eu tinha um amor, a mais bela e doce garota que já havia existido, Rose. Comentei o quanto ela era boa para mim e que nem mesmo a dor por termos nos separado superava a esperança de um dia estarmos juntos de novo. Tinha muito mais a contar, mas o tempo era curto e tive de ir embora. A partir de então, costumeiramente procurava-o

a fim de conversarmos. E passaram-se anos assim, até que um dia ele se foi, levado pelo tempo, tão implacável quanto um furacão. O tempo que o tive ao meu lado permanecerá sempre em minha memória, a memória de um homem bom e íntegro.

Eu não possuía amigos por lá e as cartas que meu pai havia acostumado-se a enviar foram ficando cada vez mais raras até que cessaram por completo. Esse tempo se caracterizou por um estado da mais profunda solidão em minha vida. Vivía somente na companhia de uma velha Bíblia de família. Meu isolamento teria feito de mim uma lenda naquela época, caso isso fosse levado em conta pelos outros. Enfim, foi duro viver dessa forma, mas um dia, percebi que aquele mesmo carcereiro de anos atrás vinha em minha direção, com o mesmo sorriso sarcástico no rosto. Aproximou-se e disse, também novamente, em tom zombeteiro: “Ei, 309, sua cartinha”. Tive vontade de voar em seu pescoço, mas pude me conter. Puxei a carta de dentro do envelope já aberto e a surpresa. Era uma carta de Rose. A minha Rose!

Rose e eu nos conhecemos em Kentucky, onde eu estava de passagem e ela vivia com os pais. A carta falava a respeito de sua vida e dos anos que se passaram após a minha partida. De como havia ficado sabendo de minha prisão somente muitos anos após sua execução, por intermédio de meu pai, na ocasião de sua mudança para Laredo, terra que meus pais nunca se dispuseram a abandonar. Dizia que havia casado, mas que já era viúva e que sua mudança para Laredo se motivara em razão do emprego de seu marido. Que recordava com certo pesar o dia em que participando de uma festa religiosa na cidade, se deu com um homem cuja fisionomia não lhe era estranha, ao passo que, ao

retirar de sua bolsa uma fotografia que levava sempre consigo, pôde reconhecê-lo, constatando que se tratava de meu pai. Cuidava-se de uma fotografia que eu havia lhe dado anos antes, quando de nossa separação. Era a única que tinha comigo e nela posávamos juntos, meu pai, minha mãe e eu. Dei-lhe a fotografia para que se lembrasse de mim. Rose dizia que não pudera se furtar a conversar com meu pai e do desespero que sentira ao saber, afinal, de meu paradeiro. Por fim, confirmava o que eu já há algum tempo suspeitava, meu pai havia falecido. E terminava mencionando o desejo de que um dia voltássemos a nos encontrar. Ao terminar de ler, uma onda de sentimentos se apossou de mim. Passei a refletir e a lembrar da época em que estive em Kentucky. De como Rose e eu estávamos apaixonados e havíamos resolvido nos casar tão logo fosse possível. Mas os tempos eram difíceis, ela vivia com seus pais, pessoas pobres, e eu não tinha emprego. Foi sob essas circunstâncias que aceitei a oferta de uns amigos, que estavam em Alberta e me convidavam a trabalhar com eles. Suas ressalvas de que se não havia muito a fazer por lá, a não ser trabalhar e juntar algum dinheiro, me serviram como argumento decisivo para tomar a decisão de aceitar a oferta. Despedi-me de Rose entregando-lhe a fotografia e prometendo-lhe que voltaria. Parti, mas no meio do caminho, encontrei um homem caído ao chão, em uma estrada deserta e... Enfim, quando pressenti que haveria de passar longos anos atrás das paredes de uma prisão, julguei melhor não dar conhecimento de meu destino a Rose, para que pudesse refazer sua vida sem remorsos e, quem sabe, ser feliz com outra pessoa. Deus sabe o quanto me custou essa decisão, mas eu a amava demais para imaginá-la em uma vida solitária, à eterna espera de um homem sem liberdade. E assim agi, fazendo-a

imaginar que havia desistido de minha promessa, sem a menor culpa e sem dar-lhe qualquer conhecimento.

Creio que a vida funcione dessa forma, e é justamente dessa forma que devemos esperá-la e encará-la. Tal qual quatro ventos fortes soprando ao redor do mundo, algumas coisas permanecem sempre iguais, os bons tempos vêm e vão e eu ainda estava aguardando que os meus pudessem voltar. Naquele dia em que recebi a carta de Rose, poucos meses me separavam de minha liberdade. E hoje pela manhã, ao acordar, lembrei dos tantos anos perdidos por uma causa equivocada. Lembrei das cartas que recebia de minha mãe, de meu pai e de tantas coisas boas que deixei de ver ou fazer. Depois de devanear, fiz a barba e fui buscar meus pertences, os mesmos que tinha em poder quando pus os pés pela primeira vez nessa prisão, um sapato, uma calça, uma camisa e uma velha passagem de trem. E agora, enquanto conto esta minha história, já me encontro fora dos muros da prisão de Folsom. Sim, consegui minha liberdade e estou livre da prisão. Estou livre para viver. Estou livre para Rose. Sim, estou livre da prisão.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br